

PÁGINAS da VIDA  
de RAUL SOARES

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ramos, José Maria de Souza  
Páginas da vida de Raul Soares / José Maria de  
Souza Ramos. -- 1. ed. -- Itabira, MG : Ed. do Autor,  
2022.

Bibliografia.  
ISBN 978-65-00-46244-9

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras  
3. Memórias I. Título.

22-113025

CDD-B869.3 I B869.8

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Foto da Capa: José da Silva Ramos aos 12 anos  
(acervo da família Bernardes Ramos)

Contracapa, apresentação: Maria Clara Veronesi de Toledo.  
Editora Agbook [www.agbook.com.br](http://www.agbook.com.br) - São Paulo  
1ª Edição, junho/2022. A5 – Brochura c/ orelha.  
Offset 75 g – Colorido

JOSÉ MARIA DE SOUZA RAMOS

PÁGINAS da VIDA  
de RAUL SOARES



## **AGRADECIMENTOS**

Afonso Lourenço Pacheco  
Afonso Nogueira Tartaglia  
Alemar Braga Rena  
Andréa Ramos de Freitas  
Antônio Horta Macedo  
Antônio José de Souza Ramos  
Benísia Rena Pizzolante  
Blandina Rocha de Souza  
Carminha Braga Avelar Alves  
Denesy de Faria  
Edson Braga de Souza  
Edson Mendes de Miranda (Nenê Doutor)  
Fernando Fialho Maia  
Francisco Aurélio de Souza Grossi  
Gastão Mendes de Faria  
Geraldo Braga de Assis  
Geraldo Magela Alves da Silva  
Ivan Martins de Faria  
Ivanete de Souza Pires  
Ivone Totino Braga  
Januário (Janu) Braga Leal  
João Carlos da Silva  
João da Silva Bernardes  
Joaquim Rodrigues Lopes  
Jonathan Faria de Souza  
José (Carcereiro) Liberato da Silva  
José da Silva Ramos (Bebé)  
José Ferreira Pires (Zé da Amélia)  
José Geraldo de Souza Faria  
José Geraldo Leal  
José Lúcio de Souza Pires  
José Luis de Faria Castro  
José Martha de Almeida Pires

José Pierre Sabbagh  
Juracy Mendes Machado  
Jurandir Fialho Maia  
Luciano de Souza Ramos  
Lucy Mendes Salim  
Luis de Gonzaga Alves  
Marco Túlio Cícero Pacheco  
Maria Alice Tartaglia  
Maria Auxiliadora Ribeiro Faria  
Maria Clara Veronesi de Toledo  
Maria Conceição Reis Vieira  
Maria da Penha Faria d'Alcântara  
Maria das Graças Abreu de Faria  
Maria do Carmo Mendes Grossi  
Maria José Fernandes Pombo  
Maria José Ramos (Zizinha)  
Maria Nicácia de Faria (D. Sinhá)  
Maria Quarta Alves de Souza  
Marília de Souza Ramos  
Marília Totino  
Marisa Alves Nogueira  
Michelângelo Bifano Coelho  
Nilcea Silva  
Nely Domingos  
Regina Celi Rocha Alves  
Rosália de Souza Ramos  
Sérgio Braga Alves  
Sibele de Assis Marinho  
Silvio Nogueira de Castro  
Solange Sabbagh  
Sotero Silveira de Souza  
Teresinha Braga Sette  
Teresinha M<sup>a</sup> Ramos de Souza Lodetti  
Wilson Elias Salomão  
Yonne de Souza Grossi

## PREFÁCIO

Cresci ouvindo histórias de minha avó Flausina Braga de Souza e de meu pai, José da Silva Ramos, sobre os ‘parentes antigos’ (Braga, Souza e Ramos) e as cidades em que nasceram. Na juventude ouvia os casos sobre as famílias Faria e Souza, relatados por Jonathan Faria de Souza e Marília de Souza (Ramos, depois de se casar).

Finalmente foi a vez de ouvir tio João da Silva Bernardes, de memória prodigiosa para datas e diálogos, contar-me, com riqueza de detalhes, os fatos ocorridos com as famílias Silva e Bernardes, há dezenas de anos passados.

Tio João, além de eletrizante narrador, gostava de escrever. Deixou contos registrados em *“Aliança Perdida”* editado em 2005, ao completar 88 anos.

Incentivou-me a gravar no papel as histórias e ‘causos’ que ouvi durante a infância e ao longo da vida. Dizia-me ele: você tem muita informação sobre nossa família e o que não se registra o tempo apaga. Escreva o que você sabe!

E assim, para escrever este livro, realizamos:

– Entrevistas presenciais ou através de e-mail, com dezenas de parentes e amigos das famílias envolvidas.

– Consultas a obras escritas sobre a cidade (livros, revistas, biografias) conforme citado no Anexo em Bibliografia.

– Pesquisa no Cartório de Registro Civil, com apoio de Michelangelo Bifano Coelho.

– Pesquisa nos arquivos da igreja católica com auxílio de Ivanete de Souza Pires e Marisa Nogueira Reis. Em documentos da Prefeitura Municipal, compilados por José Geraldo Leal.

– Coleta de fotos antigas da cidade (do primeiro fotografo local, Moisés Turco), pertencentes ao acervo de João Carlos da Silva (disponível na internet).

Obtivemos também fotografias nos arquivos de: Jonathan Faria; Fernando Maia; Maria Braga; Zizinha Ramos; Juracy Mendes Machado. Mostrou-se inestimável a colaboração de outras pessoas da família que cederam fotos dos antepassados.

A Formatação dos textos foi realizada gentilmente por Maria Clara Veronesi de Toledo.

Ao escrever estas linhas me questionava: quem poderá se interessar por este livro?

Ao terminar a última página encontrei a resposta para a questão acima:

- Quem procura o prazer na leitura.
  - Quem gosta de ler casos da vida alheia.
  - Quem deseja saber sobre a cidade de Raul Soares.
  - Quem quer conhecer a história de nossos antepassados.
- Aqui tem de tudo em pouco: contos, crônicas, ‘causos’, memórias.

E a quem dedico esta obra?

Essa pergunta é mais fácil responder: dedico às netas Estela e Valentina a quem não tive tempo de contar as histórias das páginas seguintes.

## SUMÁRIO

### **Parte I – Família Faria**

Cap 1	Origem da Família Faria	13
Cap 2	Felisberto Luíz de Faria	19
Cap 3	Tio Izidoro Luíz de Faria	79
Cap 4	João de Faria Neto	95
Cap 5	Oliveiros de Faria	102
Cap 6	Paulo Senna de Faria	106
Cap 7	Paulino Braga de Faria	114
Cap 8	Jesuino Luíz de Faria	118

### **Parte II – Família Braga e Souza**

Cap 9	Luiza Maria de Faria	130
Cap 10	Flausina Braga de Souza	137
Cap 11	Aristides P. Alves de Souza	148
Cap 12	Gravidez Oculta	161
Cap 13	Sinhaninha	166
Cap 14	José Alves (sem) Flores	174
Cap 15	Sinhozinho	181
Cap 16	Joaquina Braga de Faria	187
Cap 17	Maria Braga Chaves	198
Cap 18	Lúcia Braga de Souza	209
Cap 19	Cecy Braga de Souza	213
Cap 20	Maria Braga de Souza	219
Cap 21	José Nogueira Braga (Jósi)	233
Cap 22	Januário Braga	242

### **Parte III – Famílias Silva, Bernardes e Ramos**

Cap 23	Mudança de Pátria	251
Cap 24	Manoel Bernardes Ramos	253
Cap 25	Sebastiana Maria da Silva	263
Cap 26	José da Silva (Bebé) Ramos	270
Cap 27	José Maria de Souza Ramos	276
Cap 28	Bebé no Rio de Janeiro	287
Cap 29	Maria da Conceição Ramos	292
Cap 30	Vitor Nogueira de Souza	297
Cap 31	O Purgante	305
Cap 32	Senhor Berimbau	309
Cap 33	João da Silva Bernardes	317
Cap 34	De Volta ao Passado	339
	Bibliografia	345
	O Autor	348
	Mensagens Recebidas	350
	Apêndice – Poema Raul Soares	353
	Sinopse	356

# **Parte I - Família Faria**



## Origem da Família Faria

Perto de Rio Casca havia, no meio da exuberante Mata Atlântica, enorme clareira revestida de verdejantes gramíneas e banhada por riachos de águas cristalinas.

Esse oásis de abundantes pastagens tornou-se local de parada obrigatória para pernoite de mascates, tropeiros, boiadeiros e seus animais, que viajavam entre os (hoje) municípios de Abre Campo, Matipó e Manhuaçu. Tais viajeiros transitavam suas mercadorias e cereais entre os citados municípios e os pólos comerciais mais desenvolvidos da época, notadamente Ouro Preto, Mariana e Ponte Nova.

Na acolhedora clareira, os viandantes se arranchavam para descansar, dar pasto às tropas e aos bois nos terrenos da Fazenda então conhecida como: ‘Parada da Grama’.

Em 13 de junho de 1850 (dia de Santo Antônio), o bispo de Mariana concedeu licença para a construção de uma capela no local onde o fazendeiro Antônio Luíz de Freitas havia doado uma nesga de terra ao patrimônio da Igreja para esse fim.

Em torno da capelinha floresceu um povoado que, em homenagem ao seu fundador Antônio Luíz de Freitas e ao Santo padroeiro, foi denominado Santo Antônio da Grama.

Foi nesse aprazível povoado que dois irmãos Faria vieram de muito longe para se ‘arranchar’.

Provenientes da região de Braga, situada ao norte de Portugal, os irmãos Manoel Luíz de Faria e José Luíz de Faria, chegaram a Santo Antônio da Grama no final da década de 1850 (provavelmente em 1858), a procura de melhores condições de vida.

José Luiz de Faria criou raízes, constituiu família e viveu no povoado até o final de seus dias.

Seu irmão, Manoel Luíz de Faria ali casou-se aos 25 anos, com Flausina Maria de Jesus, jovem donzela de 14, natural de Santo

Antônio. No ano seguinte (1864) nasceu-lhes o primeiro filho, batizado José Luíz de Faria Sobrinho em homenagem ao tio e padrinho.

Possivelmente no início da década 1870, Manoel Luíz de Faria deslocou-se em busca de terras devolutas, com Flausina e o robusto garoto José Luíz (apelidado de Juca), para o então Povoado de Boachá, a 30 Km de distância, situado entre a confluência dos Rios Matipó e Santana. Vale ressaltar que não havia estradas na região. Os deslocamentos se faziam penosamente, a pé ou em lombo de animais, por trilhas abertas nas matas ou seguindo o curso dos rios pelas margens. Sem pontes, atravessavam-se os rios a vau.

Chegando a Boachá, Manoel ocupou uma área de terreno que se iniciava onde agora está a Igreja matriz da cidade de Raul Soares, subia pela encosta que deu origem às atuais Ruas Francisco Costa Abrantes e Marechal Deodoro, virava pela cumeeira daquele morro indo até a margem esquerda do Rio Matipó na Foz do Córrego de Ubá.

Católicos fervorosos, Manoel e Flausina doaram parte dessas terras ao patrimônio da Igreja, em 1877, para construção de uma capela que ficou pronta no início da década 1890. A doação foi posteriormente registrada nos livros da igreja pelo padre Francisco Antônio de Carvalho (padre Chiquinho). Após a sagração da capela por Dom Antônio Benevides, o povoado passou à denominação de São Sebastião de Entre Rios, em homenagem ao Santo Padroeiro.

Manoel retirava da terra, o sustento com seu trabalho de agricultor e, em uma área de baixada às margens do Rio Matipó, construiu a morada onde nasceram mais dez filhos: Joaquim, Luíza, Inácia, Custódio, Izidoro, Benjamin, Laurindo, Florência, Ambrozina e Rozalina, com sobrenomes Luíz de Faria (Luíz com í acentuado e z).

Manoel Luíz ali habitou com a família até falecer, em 1908, de febre maleita (Malária), aos 70 anos de idade. Seu terreno, onde então residiam vários de seus filhos já casados e pais de outros filhos, ficou conhecido como 'Vargem dos Faria'. Parte das terras foi doada ao

município para abertura de ruas (antigas - Ruas Ubá e R. Padre Chiquinho, hoje Rua Rufino Rocha).

Até o ano presente (2020), vários descendentes de Manoel Luíz ainda residem ou conservam lotes, oficinas, clínica odontológica, na ‘Vargem dos Faria’.

Vários lotes do terreno foram desapropriados recentemente, pela Prefeitura Municipal, para edificação de escolas, creches, garagem/oficina de veículos e equipamentos de terraplenagem.

Manoel Luíz de Faria deve ser considerado exemplo de coragem e perseverança por deixar o aconchego de sua pátria rumo a um Brasil longínquo, desconhecido, e desbravar terras nunca antes domadas, preparando terreno para o bem estar de seus descendentes.

#### **Notas do autor:**

– Compilou-se a breve história sobre o povoado de Santo Antônio da Grama (hoje cidade de Santo Antônio do Grama) da publicação editada em 01/10/1999, pela Secretaria de Cultura daquela cidade.

– Outros dados históricos aqui apresentados foram obtidos em registros da Paróquia de Raul Soares (Resumo Histórico da Vida Eclesiástica de Raul Soares; Livros do Assento de: Batizados, de Casamentos e de Óbitos do Escritório Paroquial de Raul Soares). Obtivemos fatos da vida do principal protagonista através de entrevista com descendentes da Família Faria.

– A primeira ermida do Povoado de Boachá, construção rústica de madeira coberta de sapé, foi demolida dando lugar à Capela de São Sebastião (ver foto), sagrada pelo 8º bispo de Mariana, Dom Antônio Maria Correia de Sá e Benevides, provavelmente em 1892.

– Em 03 de fevereiro de 1903, a Lei municipal nº 146, do Município de Ponte Nova (MG), criou o Distrito de São Sebastião de Entre Rios. O novo Distrito contava 7.872 habitantes naquela data, segundo fontes do IBGE

– O falecimento de Manoel Luíz de Faria em 1908, tem registro à página 10 do 1º Livro de Óbitos da Capela de São Sebastião de Raul Soares, lavrado por padre Francisco Antônio de Carvalho.

– Estima-se que Manoel Luíz tenha saído de Portugal com idade acima de 19 anos. Isso porque uma das poucas lembranças que trouxe de lá foi uma farda usada na prestação do serviço militar. Ele guardou o fardamento com desvelo durante toda a vida. Após seu falecimento, a farda ficou sob os cuidados do filho Custódio Luíz de Faria, que também a conservou durante muitos anos em um baú adornado em couro e tachas de metal.

- Manoel Luíz de Faria é considerado um dos fundadores beneméritos do Povoado de Entre Rios.
- Sua esposa, Flausina Maria de Jesus, faleceu em 1929, aos 80 anos, em Raul Soares. Registro nº 94 do 4º livro de óbitos da Paróquia de Raul Soares, lavrado pelo Vigário João Silvestre Alves de Souza.
- Anexos: Mapa da região; foto da 2ª Capela do Povoado de Entre Rios, sagrada em 1892; Genealogia de Manoel Luíz de Faria/Flausina Maria de Jesus. Foto do registro de óbito de Manoel Luíz de Faria e Flausina Maria.

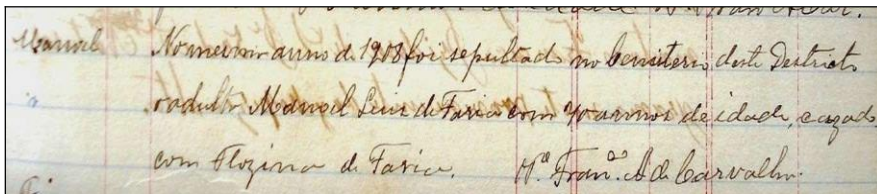
### MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DE RAUL SOARES



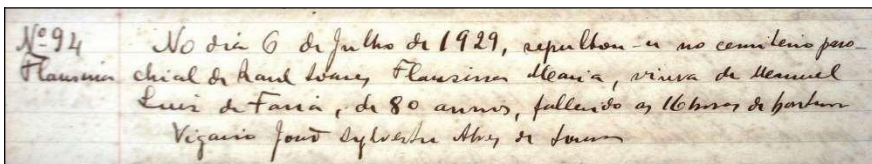
Distância: Sto. Antônio do Gramma (A) → Raul Soares (B) = 30 km  
(em linha reta).



Capela de São Sebastião de Entre Rios – Década de 1890



Registro de óbito de Manoel Luiz de Faria aos 70 anos, em 1908



Registro de óbito de Flausina Maria, viúva de Manoel Luiz de Faria

### Genealogia de Manoel Luiz de Faria

Manoel Luiz de Faria (casado em 1863)	Flauzina Maria de Jesus
(1838-1908)	(1849-1929)
(Filhos)	(Genros/noras)
José Luiz de Faria Sobrinho	Mariana Rosa F. Braga
(1864-1949)	
Joaquim Luiz de Faria	Maria Nogueira de Miranda e
(1870-1942)	Maria Tereza das Dores
Luiza Maria de Faria	Januário Ferreira
Braga (1871-1945)	(1864-1937)
Inácia Luiza de Faria	João de ?
(1874-1953)	
Custódio Luiz de Faria	Amélia Nicácia de Jesus e
(1880-1966)	Rita Maria Jesus
Izidoro Luiz de Faria	Raimunda Camargo Souza e
(1881-1961)	Idalina Correa
(casado com Raimunda em 1917)	
Benjamim Luiz de Faria	Messias Lima de
Faria (1884-1963)	
Laurindo Luiz de Faria	(Solteiro)
Florência Luiz de Faria	Laurindo Pinto
Ambrosina Faria (S.P. Ferros)	?
Rozalina Luiza de Faria	Raimundo Nonato de Ramos

**Observações:**

Manoel Luíz de Faria/Flausina Maria tiveram outras duas filhas entre os anos de 1866 e 1868, Ana Luíza e Maria Luíza de Faria, falecidas de morte prematura. Afirmção essa feita por Benjamim Luíz de Faria ao Cartório de Registro civil de Raul Soares em 1929, ao declarar o óbito da mãe Flausina Maria de Jesus (lavrado no 4º Livro de Óbitos do Cartório R. Civil). Afirmou também que o irmão dele, Laurindo Luíz de Faria, era interdito (incapacitado?).

Joaquim e Custódio Luíz de Faria casaram-se duas vezes. Izidoro casou-se uma e 'ajuntou-se' outra.

Custódio não teve filho do segundo casamento com Rita Maria de Jesus.

Sabe-se muito pouco sobre os irmãos Laurindo, Florência, Ambrosina e Rozalina. Alguns se mudaram de Raul Soares, outros não deixarem registro nos livros da Igreja nem do Cartório de Registro Civil, inaugurado em Rua Soares no ano de 1905.

Rozalina/Raimundo Nonato tiveram duas filhas: Maria batizada em 1894; Emília batizada em 1896 em Raul Soares.

Benjamim (Bejo) Luíz de Faria foi proprietário da primeira Olaria de R. Soares e adotou um filho chamado Joaquim

Inácia Luíza de Faria e o marido, conhecido por João Português, não tiveram filhos. Ambrosina foi morar em S. Pedro dos Ferros onde constituiu família

## Felisberto Luíz de Faria

O recém criado (1903) Distrito de São Sebastião de Entre Rios deu berço e regaço a um de seus mais folclóricos e controvertidos filhos: Felisberto Luíz de Faria.

Outras figuras de realce, por seus dítos e feitos curiosos, firmaram-se na constelação de estrelas raul-soarenses: Izidoro Luíz de Faria, João Batista Correa (Besouro), Sebastião Maria Porto (Catão Alfaiate), José d'Aquino (Moreno) Leão, Helinho Vale, José da Silva (Bebé) Ramos, Antônio Florentino, Neves Chaves, José (Carcereiro) Liberato da Silva, Jesuino Luíz de Faria, para citar poucos e de minha convivência. Os não citados que me relevem.

Ao lado desses, como estrela de maior grandeza, permitam-me apor um nome que se revelará o personagem mais brilhante daqueles tempos: Felisberto Luíz de Faria.

Nascido (em 18/02/1905) de Amélia Nicácia de Jesus e Custódio Luiz de Faria, perdeu a mãe ainda menino (9 anos). Destarte, Felisberto e três irmãos, todos menores (José, João e Oliveiros) ficaram aos cuidados do pai que os deixou crescer satisfazendo-lhes todos os caprichos. Com a morte da mãe, dona Amélia, a irmã caçula de Felisberto, Maria Nicácia de Faria, com um ano e meio de idade foi confiada aos cuidados de uma tia.

A família de Felisberto morava na Rua de Ubá, denominada Vargem dos Faria, à beira do então piscoso Rio Matipó. Ali ele e os irmãos cresceram dedicando-se a pescarias, mergulhos no rio e andanças a cavalo. Dentre eles, apenas João de Faria Neto concluiu o curso superior; os demais aprenderam as primeiras letras com professores particulares e se formaram pela escola da vida.

O avô e padrinho de Felisberto, Manoel Luíz de Faria – um dos fundadores do município – teve terras, gado e ‘gente’. Muito generoso

(mão-aberta), faleceu em 1908 sobrando aos herdeiros apenas parte do enorme patrimônio que conquistara.

O garoto Felisberto cresceu livre pela planície entre os Rios Matipó e Santana, galopando no lombo de ginetes ágeis e aprontando peraltices pelo Distrito de São Sebastião de Entre Rios.

Estimulado por um primo, Roldão Marcos da Rocha (Tenente Roldão), Felisberto viajou até Juiz de Fora onde se alistou no comando do IV Batalhão de Infantaria, aos 17 anos. Permaneceu por dois anos servindo a pátria e se aprimorando em artes bélicas.

De lá voltou à terra natal outro homem. Conhecedor da vida mundana juiz-forense (na época a segunda cidade mais importante de Minas), passou a se vestir com extremoso apuro: ternos bem talhados, gravatas de seda, perfumes de fino aroma. Elegante, o galã desfilava suas polainas pelas ruas do povoado agora transformado em Município que, desmembrado de Rio Casca, se empenhava em constituir sua primeira Câmara Municipal (1924).

Nesse clima de transformações cívicas, Felisberto despertou para atividades políticas. Apesar de nunca ter se interessado por cargos eletivos, tornou-se cabo eleitoral atuante pelos candidatos do partido. Estabeleceu sólida amizade com Dr. Luíz Domingos da Silva, destacado chefe político da região (prefeito 1945–1946 e 1951–1955), que lhe conseguiu o posto de Inspetor Escolar Municipal, cargo exercido até se aposentar.

Vários anos depois, questionado pelo escrivão do I Ofício, Marco Túlio Cícero Pacheco, confessou o porquê de nunca ter se candidatado a um pleito eleitoral. Disse ele a Marco Túlio: “Ô menino do cartório, no circo mágico da política desempenhei funções de bilheteiro à trapezista, mas nunca fiz papel de palhaço! Jamais me entregarei a esse desfrute”.

De fato não se entregou. Viveu 83 anos sem envergar o atraente e cobiçado manto da legislatura pública. Mas durante sua vida aprontou poucas e boas nos bastidores políticos e fora dele, como se verá nos próximos casos históricos que tentaremos descrever.

### **Notas do autor:**

- O arraial de S. Sebastião de Entre Rios foi reconhecido como Distrito (do município de Ponte Nova) pela lei municipal 146 de 03/02/1903.

No ano de 1923 o distrito de S. Sebastião foi elevado à categoria de Município com o nome de Matipó (lei estadual 843 de 07/09/1923). Em 1924 foi constituída a primeira Câmara Municipal da cidade.

O nome do município (Matipó) foi mudado para Raul Soares pela lei estadual 862 de 19/09/1924, em homenagem a Dr. Raul Soares de Moura, governador de Minas falecido em agosto daquele ano (1924), no exercício do mandato.

- Custódio Luíz de Faria, pai de Felisberto, nasceu em 1880. Casou-se em 1902 com Amélia Nicácia de Jesus com quem teve os seguintes filhos: José Nicácio de Faria (1903); Felisberto Luis de faria (1905); João de Faria Neto (1907); Oliveiros de Faria (1910) e Maria Nicácia de Faria (Sinhá – 1913).

Amélia Nicácia de Faria faleceu em 1915, após complicações de parto do último filho Valdevino que faleceu precocemente.

- Custódio casou-se em segundas núpcias com Rita Maria de Jesus em 1919, ele com 37 anos, ela com 22. Não tiveram filhos do segundo casamento. Faleceu em 02/02/1966 aos 86 anos de idade.

- Roldão Marques da Rocha, era primo primeiro de Felisberto Faria, porque filho de Miquelina Maria de Jesus, irmã da mãe de Felisberto (Amélia). Após o falecimento de Miquelina, Roldão foi morar na casa de tia Amélia/Custódio onde se tornou amigo e herói do primo Felisberto, cinco anos mais jovem que ele.

- O autor tornou-se genro de Maria Nicácia de Faria (D. Sinhá Benevides), em 09/12/1972, ao casar-se com Marília de Souza, filha de D. Sinhá.

### **Fotos:**

- São Sebastião de Entre Rios/Matipó, década de 1920. Em primeiro plano, a rua hoje denominada Antônio Vieira dos Santos. Ao centro, Estação E.F. Leopoldina (inaugurada em 1916). À direita, antiga capela do Distrito, demolida em maio/1949.

- A Estação da E. F. Leopoldina foi edificada no centro do povoado, entre as Ruas Direita (hoje Rua Prefeito Wilson Damião) e Rua de Baixo (Av. Getúlio Vargas). Construiu-se o prédio sobre um brejo aterrado por Francisco Abrantes Costa, então mestre de obras da E. F. Leopoldina.

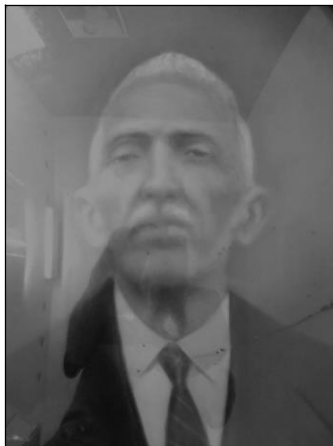
- O impávido e brioso jovem Felisberto a serviço do IV batalhão de Infantaria em Juiz de Fora.
- Custódio Luis de Faria, pai de Felisberto, década de 1950.
- Desfile do 'Tiro de Guerra' no Sete de Setembro pela Rua Camilo de Moura (sem calçamento). No comando do pelotão, perfila-se altaneiro o famoso Tenente Roldão (com uniforme de gala).
- Registro do batismo de Felisberto na capela de S. Sebastião em 12/03/1905, lavrado pelo vigário Francisco Antônio Carvalho (Pe. chiquinho). Foram seus padrinhos os avós paternos Manoel Luiz de Faria e Flausina Maria de Jesus.



São Sebastião de Entre Rios (década de 1920)



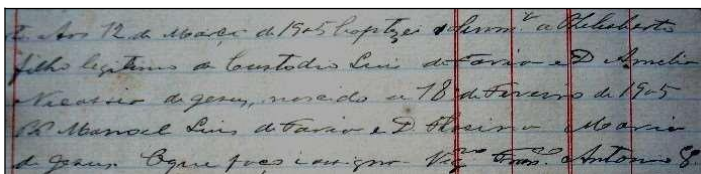
Felisberto no IV Batalhão (1922)



Custódio Luis de Faria (década 1950)



Sete de Setembro. Desfile do 'Tiro de Guerra' na Rua Camilo de Moura. Em primeiro plano o garboso Tenente Roldão (década 1940)



Registro do batismo de Felisberto na capela de S. Sebastião em 12/03/1905

## Por uma Cigana

Em sua fase de solteiro, Felisberto cometeu uma série de estrepolias. Certa ocasião chegou um bando de ciganos na cidade e pediu licença ao Sr. Custódio Faria (pai de Felisberto) para montar acampamento em suas terras, no que foi prontamente atendido.

O velho Custódio mostrava-se generoso com forasteiros, abrindo os pastos para pernoitar as tropas de passagem pelo Distrito. Sua segunda esposa, dona Rita Maria (Dindinha Rita), amiúde servia jantar aos boiadeiros e tropeiros que ali pousavam.

Suas terras também abrigavam Parques e Circos sem cobrança de aluguel. Em troca, Custódio se postava todo-poderoso na bilheteria e mandava entrar (sem pagar ingresso) toda parentela, meia vizinhança e a quem mais lhe aprouvesse franquear o acesso.

Mas voltando ao bando de ciganos. No acampamento nômade havia uma cigainha cor de cobre, olhos de azeviche, dentinho folheado a ouro, uma verdadeira jabuticabinha de pele fina, macia e doce. Usava saias compridas superpostas, coloridas, bem rendadas. Como inexistia guarda-roupa nas barracas, as ciganas vestiam todas as saias sobrepostas ao corpo. À medida que as saias de cima iam se sujando eram retiradas para lavar e, depois de secas, vestidas por debaixo. As portadoras das repolhudas vestes eram, por isso, alcunhadas de maria-sete-saias.

Felisberto, rapagão bem apessoado, filho do dono das terras, deitou olhos e interesses na doce cigainha que, correspondendo aos suspiros e anseios, por ele também se enrabichou.

A insinuante moçoila tomava-lhe a mão entre as suas e decifrava as linhas da vida, vaticinando-lhe promissor e afortunado porvir junto a ela.

Daí, quando os ciganos levantaram acampamento, o galã enfeitado pelos encantos e ais de amor da jovem pitonisa, acompanhou a leva de cidade em cidade, em longa jornada até o Sul do país, junto à fronteira do Paraguai.

Pouco a pouco, as moedas que levava em seu alforje foram se esgotando. Findo o dinheiro (e em decorrência, o interesse dos ciganos por ele), só lhe restou vender o cavalo, fiel companheiro de marcha, para custear a longa viagem de volta.

E assim, após vários meses de namoro e andanças por esse vasto mundo, nosso herói retornou à terra natal com uma mão à frente e outra atrás. Mas nada disso alquebrou-lhe a têmpera. Apesar dos pesares, agora repleto de conhecimentos e experimentos, Felisberto apregoava suas vivências. Com ar triunfante, doutrinava os peões boquiabertos reunidos no quintal do pai:

“Percorri esse mundo todo e lá fora não vi nada tão diferente do que existe aqui!

Por todos os lugares onde passei, urubu é preto. O sol amarelo e redondo se alevanta de Leste e se deita no Oeste. Coruja não tem pescoço e vaga-lume acende à noite!”

Os peões pasmados assentiam com a cabeça admirando as ‘importantes descobertas’ reveladas pelo aventureiro e decidido cavaleiro andante.

**Notas do autor:**

Este caso nos foi narrado por Maria Braga e Marília de Souza Ramos. Felisberto passou por quatro ‘fases’ na vida: solteiro, casado, separado, reconciliado. Casou-se em 1934 com Maria da Conceição Ramos (tia do autor). Fotos: Leitura da mão; O galante Felisberto mostra apuro ao vestir-se.



Lendo a sorte.



O galante Felisberto Faria

## Felisberto – Traficâncias

Felisberto sempre gostou de negociar e barganhar. Comprava, vendia, trocava e revendia. No início, colheitas e animais. Depois, com o dinheiro escasseando, passou a lidar com transações mais modestas.

Tinha por hábito vestir camisas de mangas compridas e, por baixo delas, mesmo nas maiores solenidades, enrodiava uma enfiada de relógios em cada braço. Mostruário ambulante indispensável, segundo sua doutrina, ‘pra não perder a chance de fazer uma boa barganha’.

Para olhar horas, levantava a manga da camisa, conferia os relógios de ambos os braços dando corda e ‘acertando’ os retardados. Nisso despendia prolongados minutos de seu vasto tempo.

Carregava, na maleta em couro, arsenal de garruchas e canivetes prontos à venda. Na residência mantinha estoque de rádios, máquinas de costura, espingardas de variados calibres e serventia: ‘Esta é pra matar paca; aquela, pra veado e capivara’, dizia ele orgulhoso de seu arsenal.

Certo dia chegou para advogar na recém-instalada comarca de Raul Soares, famoso jurisconsulto, Dr. José Grossi (irmão de Dr. Gerardo Grossi), letrado nas leis e apreciador de bons animais.

Felisberto possuía um cavalo baio, marchador, bom de sela, orgulho do dono.

Dr. Grossi extasiou-se com o animal, queria um, de porte e andadura semelhantes, porém de cor negra. Transmitiu seu anseio a Felisberto que, prestimoso, se dispôs a providenciar uma cavalgada negra para o doutor bacharel visitar a clientela.

Passado uns tempos, o negociador procurou o advogado afirmando ter localizado no distrito de Vermelho Velho, na fazenda de Francisco Izidoro Pires (irmão do famoso Coronel Pires), um garanhão

de fina estirpe com os atributos requeridos pelo advogado. O magnífico espécime, além de preencher requisitos da encomenda, apresentava preço satisfatório.

Cheio de rapapés pediu ‘data venia’ ao doutor para fechar negócio obtendo instantânea anuência do ilustrado causídico.

O soberbo ginete foi trazido e entregue aos cuidados de João Leite (campeiro de Dr. Durval Grossi) para testar-lhe o andamento e acomodá-lo na estrebaria dos Grossi.

Dizem as más línguas que, dois dias depois, houve um pequeno contratempo: chuvas da madrugada desbotaram o cavalo, exibindo estranha mancha branca na testa do equino. Chegaram a insinuar, à boca miúda, que antes da entrega, na ânsia de agradar ao doutor, Felisberto aplicara graxa de sapato no animal para encobrir a ‘estrela’ na testa. E a chuva daquela madrugada havia ‘lavado’ a graxa.

Pessoalmente acho as insinuações improcedentes, aleivasas, enciumadas, maledicentes. Não acredito nisso e atribuo essa inferência à intriga de pessoas invejosas. Evidentemente que isso tudo não passa de: prosopopeia flácida com escopo de retirar bovino da vigília! Ou, trocando em miúdos: isso é conversa mole para boi dormir!



Equino semelhante ao vendido por Felisberto ao ilustre advogado, Dr. Grossi.

## **Revolução Paulista.**

O Coronel José Martha Pires embarcou para Viçosa, nos idos de 1917, à procura do melhor colégio da região onde pudesse matricular seu filho (José Zeferino Pires). Ali foi apresentado a Artur da Silva Bernardes, deputado federal e candidato ao governo do Estado de Minas, então em campanha pelo interior. Conversaram durante hora e meia. O Coronel se impressionou vivamente pelo entusiasmo e o ideário políticos do candidato a governador. Ao fim do encontro, prometeu-lhe os votos de seu reduto eleitoral em Raul Soares. Dali nasceu uma grande amizade e a parceria política entre eles. O Cel. Pires filiou-se ao Partido Republicano Mineiro (PRM), tornando-se ‘Bernardista’ e ardoroso cabo eleitoral do candidato ao governo do Estado.

Artur Bernardes elegeu-se Governador de Minas para o mandato de 1918 – 1922 e quatro anos depois tornou-se Presidente da República (1923–1926). O Coronel soube utilizar essa parceria em favor do município raul-soarense na realização de várias obras e tornou-se tão fanático que mantinha a fotografia de Artur Bernardes em sua mesinha de cabeceira, na fazenda de Vermelho Velho.

Quando Getúlio Vargas tomou o poder, em outubro de 1930, através de um movimento armado denominado Golpe ou Revolução de 1930, Artur da Silva Bernardes participou ativamente do movimento dando suporte a Vargas. Com o correr dos meses, Bernardes percebeu que Getúlio conduzia o país rumo à ditadura. Retirou seu apoio a Vargas, alinhou-se ao governo de São Paulo (antigetulista).

Em julho de 1932, Bernardes tentou organizar em Minas Gerais um movimento de apoio à chamada ‘Revolução Constitucionalista de 1932’ (ou Revolução Paulista) que pretendia derrubar o governo provisório de Getúlio pela força das armas.

O Coronel José Martha Pires, partidário de Artur Bernardes, a pedido deste, arregimentou e armou um batalhão de intrépidos voluntários civis do município de Raul Soares e região.

O objetivo desse batalhão (no qual se enfileirou Felisberto Luíz de Faria, um de seus mais indômitos e belicosos carabineiros) era apresentar armas e unir-se às Forças Revolucionárias Constitucionalistas para a deposição incondicional do Governo Vargas. Felisberto tinha espírito audacioso. Quando soube da convocação de uma milícia para lutar contra a ditadura Vargas em São Paulo, percebeu ali a grande chance de sua vida de embarcar em novas aventuras. Ofereceu-se imediatamente para integrar-se àquela arrojada expedição. Solteiro, livre de compromissos, mesmo contra a vontade do pai (Custódio Luíz de Faria) aceitou o convite do Cel. Pires para lutar com intrepidez contra as forças que submetiam nossa querida pátria à humilhação inaceitável da ditadura.

Contudo o grupo comandado pelo Cel. Pires não chegou a pisar no ‘campo de batalha’ a essa altura ensanguentado por 934 baixas fatais. O Coronel foi instruído a retornar para sua cidade de origem porque os paulistas revoltosos haviam capitulado ante as forças getulistas.

Com a rendição do chamado ‘Exército Constitucionalista’ em outubro/1932, Bernardes refugiou-se em sua fazenda em Viçosa onde foi preso. Deportado para Portugal junto com os líderes paulistas revoltosos, Bernardes abrigou-se durante certo tempo em Castanheira de Pera, terra natal de seu pai, Antônio da Silva Bernardes.

Os Bernardistas (e os que se opuseram ao governo getulista) foram ameaçados de prisão e perseguidos. Nesse período, o Coronel Pires passou por maus pedaços. Ocultou-se na fazenda do amigo Carlos de Barros, em São Pedro dos Ferros, e lá ficou incógnito até 1934 quando Artur Bernardes foi anistiado por Vargas.

Naquele ano (1934), Artur Bernardes retornou ao Brasil e, após sua habilidosa intercessão junto a Getúlio, os bernardistas puderam voltar à vida normal.

A partir de então, o Coronel Pires tornou-se amigo incondicional de Felisberto Luíz de Faria e colocou a fotografia de Carlos de Barros (ao lado da foto de Artur Bernardes) em sua mesinha de cabeceira, na fazenda de Vermelho Velho.

### **Notas do autor:**

– A descrição acima foi possível graças a informações dadas por José Lúcio de Souza Pires e José Martha de Almeida Pires, netos do Cel. Pires; e de José Ferreira Pires, sobrinho neto do Coronel.

– Artur Bernardes recomendou ao Coronel Pires matricular o filho no Colégio Caraça, onde ele, Bernardes, cursara o colegial nos idos de 1887/1892. Contudo, devido à enorme dificuldade de acesso de Vermelho Velho à longínqua região de Santa Bárbara (Zona Metalúrgica), o Coronel optou por matricular o filho (José Zeferino Pires) no Colégio Leopoldinense, famoso internato na cidade de Leopoldina, considerado na época um dos melhores liceus da Zona da Mata.

– Entre os raul-soarenses mobilizados para a Revolução Paulista podemos citar, além do Coronel Pires e Felisberto Faria: Otaviano Martha (Vivico) Pires (sobrinho do Cel. Pires), Lourival Cornélio Alves, José Mendes de Miranda (Doutor), Antônio Lucas, Francisco Lucas, Jandir Miguel (entre outros).

– Felisberto votou à ‘vida civil’ e casou-se em 1934. Havia se tornado revolucionário sem disparar um único tiro de sua certeira espingarda.

– Vivico Pires foi criado pelo Cel. Pires na Fazenda de Vermelho Velho. Quando Vivico nasceu, sua mãe Rosalina Pires, irmã do Coronel, adoeceu e ficou internada no hospital de Ponte Nova. Vivico ficou entregue aos cuidados do tio que providenciou o batismo da criança, arranjou os padrinhos e deu-lhe o nome de Otaviano Martha Pires (à revelia de D. Rosalina). Restabelecida, Rosalina retorna a V. Velho e reclama a criança de volta. O Coronel, então apogado ao garoto, não quis devolvê-lo.

Fotos: – Artur da Silva Bernardes; Felisberto Luis de Faria (acervo do autor).

– Otaviano Martha Pires (Vivico). Foto cedida por José Ferreira Pires, filho de Vivico.

– José Mendes de Miranda (Doutor) em 1963 aos 53 anos. Foto gentilmente cedida por Edson Mendes de Miranda (Nenen) filho de J. Mendes de Miranda.

– Foto tirada em Ponte Nova, em frente ao Hotel Glória, ao lado da Estação da Leopoldina: Batalhão de intrépidos voluntários arregimentados pelo Coronel

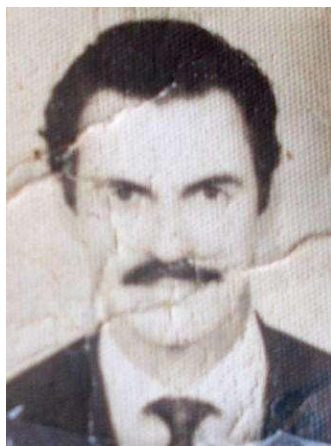
Pires (e outros coronéis da região) em 1932, em sua viagem histórica rumo ao campo de batalha, para lutar na Revolução Paulista. Foto cedida por José Lúcio de Souza Pires, neto do Cel. José Martha Pires.



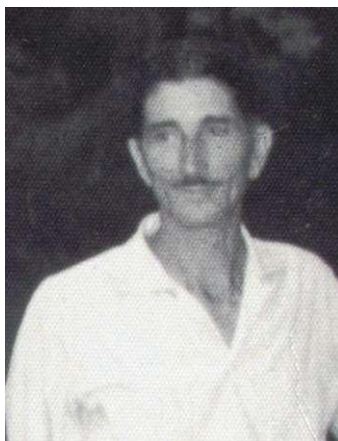
Artur da Silva Bernardes



Felisberto Luis de Faria (década 1920)



Otaviano Martha Pires (Vivico)



José Mendes de Miranda  
(Doutor)



Partidários da Revolução Paulista (entre outros): nº 1 - Coronel Pires; nº 2 - Felisberto Faria; nº 3 - Vivico Pires; nº 4 - Lourival Cornélio Alves; nº 5 - José Mendes de Miranda (Doutor). (Foto de 1932).

## Os Aventureiros

Em 1932 chega a Raul Soares, vindo de Viçosa, o novo escrivão do registro civil, Manoel Bernardes Ramos, trazendo consigo a família.

Felisberto rapidamente coloca seus préstimos à família Ramos criando amizade com João da Silva Bernardes, mais conhecido como Joãozinho Ramos, filho do recém-chegado tabelião.

O passo seguinte foi levar Joãozinho para ajudá-lo na decoração do ‘Clube dos Aventureiros’, Associação Recreativa criada para promover bailes e outros eventos, da qual Felisberto era um dos diretores. O clube funcionava na Rua Camilo de Moura 289, no prédio onde mais tarde estabeleceu-se a prefeitura (antiga) da cidade.

No carnaval seguinte, os dois amigos saíram fantasiados de índios, montados a cavalo em pêlo pelas ruas do centro. Passaram purpurina no casco dos animais e dava gosto de se ver o efeito causado pelo brilho irizado. Entoavam o hino do clube (letra e música de Felisberto) convidando o povo a participar das folias de Momo. O hino do clube dizia mais ou menos o seguinte:

Nós somos ‘Os Aventureiros’  
somos Guerreiros deste carnaval.  
No reinado de Momo todo mundo brinca  
e a ninguém deseja o mal.  
Vamos todos minha gente,  
vamos pra folia, vamos farrear,  
porque o rei momo está chegando  
e nós, ‘Os Aventureiros’, é que vamos ganhar.

Nessa amizade, Felisberto conheceu Maria (da Conceição) Ramos, irmã de Joãozinho, pela qual seu coração descompassou ao

primeiro pousar d'olhos. A donzela, dona de uma beleza suave e serena, correspondeu as suas 'palpitações'. Flores para lá, bilhetes para cá; presentes, serenatas, chocolates e versos. Sim, o galanteador latejava uma veia para poemas. Eis abaixo alguns escritos de sua primorosa pena:

Parece mentira, parece...  
 mas é verdade patente!  
 Porque é que a gente só gosta  
 de quem não gosta da gente?

Lá vem a garça voando  
 com penas que Deus lhe deu,  
 contando pena por pena  
 mais penas padeço eu!

Sr. Manoel Ramos, pai de Maria Ramos e vigilante guardião da filha, não via com bons olhos aquela aproximação entre os dois. Felisberto era homem vivido em outros 'mundos', experiente, onze anos mais velho que a pretendida (de apenas dezessete).

Apesar de pertencer à família tradicional da sociedade, Felisberto não tinha ofício definido e abusava um pouco da bebida. Tornou-se necessária a intervenção severa da futura sogra, dona Sebastiana, para facilitar a união das almas apaixonadas. O casamento ocorreu em cerimônia simples na casa da noiva, sem festejos, com presença de alguns familiares. O escrivão-pai lavrou o ato civil no livro de registros de 1934, em cartório de sua propriedade, e orou com fervor pela felicidade dos nubentes.

O casal esteve unido durante dois anos. No decorrer desse tempo, o marido perpetrou alguns despropósitos que motivaram o retorno da esposa à casa paterna. Ali ela permaneceu nove anos até Felisberto recobrar o juízo perdido (ou parte dele). Felizmente, no final,